

O PAPEL DA INTEGRAÇÃO CONCEPTUAL NA CONSTRUÇÃO DOS SENTIDOS

Diogo Pinheiro (UFFS)

dorpinheiro@gmail.com

Luciano Carvalho do Nascimento (CMRJ)

1. Primeiras palavras

Abordagens formalistas dos estudos semânticos tendem a assumir que o significado está, de alguma maneira, irremediavelmente atrelado à forma linguística. Essa visão coincide com a perspectiva do senso comum, segundo o qual as palavras “têm”, “contêm”, “carregam” ou “portam” significados. Em contraste, uma longa tradição da filosofia da linguagem, que começa pelo menos nos sofistas gregos, tem sustentado que o sentido é mais propriamente algo que o ouvinte reconstrói a partir das pistas linguísticas (e paralinguísticas) do que algo que reside no interior das palavras, esperando para ser desvelado.

A despeito da sua longevidade, essa perspectiva jamais foi dominante nos estudos propriamente semânticos, muito embora suas concepções gerais de linguagem e sujeito informem as diferentes vertentes dos estudos discursivos e interacionais. Mesmo a semântica cognitiva (ver, por exemplo, LAKOFF, 1987), que historicamente se alinha – ao menos em tese – à ideia de que o significado é construção do falante, na prática não incorpora radicalmente essa perspectiva nos seus modelos descritivos.

Isso pode ter começado a mudar, contudo, com o surgimento, na década de 90, do conceito de espaço mental (FAUCONNIER, 1994). Entendido como um “compartimento” para o processamento de informações disponíveis na memória de trabalho, os espaços mentais foram postulados inicialmente como uma resposta aos problemas das teorias clássicas de referência. Foi a partir deles que se constituiu, depois, a teoria da integração (ou mesclagem) conceptual (TIC) (FAUCONNIER; TURNER, 2002), igualmente voltada para a compreensão online do significado. Pelo seu caráter dinâmico e processual, entendemos que a TIC pode ser um instrumento extrema-

mente valioso para a incorporação definitiva, nas semânticas de inspiração cognitivista, de uma concepção não (ou, no mínimo, menos) reificatória do significado, vale dizer, uma concepção na qual o significado seja visto como produto de uma construção sociocognitiva.

Neste artigo, procuraremos mostrar, por meio de dois estudos de caso, como se dá o papel da mesclagem conceptual no processo de produção de sentidos de textos argumentativos. Em outras palavras, a mesclagem será tratado como correlato cognitivo de mecanismos retóricos. Mais especificamente, demonstraremos de que maneira um dos efeitos típicos da mesclagem – o chamado *insight global* – assume importante papel retórico.

Para atingir esses objetivos, começamos por uma breve apresentação da TIC. Em seguida, passamos para os dois estudos de caso que visam a demonstrar, na prática, sua função na construção do efeito retórico e, de maneira mais geral, na elaboração de uma semântica não reificatória.

2. A teoria da integração conceptual: breve introdução

O processo cognitivo que tem sido chamado de integração ou mesclagem conceptual consiste em uma operação imaginativa ao mesmo tempo poderosa e inconsciente, que permite projetar elementos de cenários distintos em um único cenário, criando mentalmente, a partir dessa fusão, um mundo alternativo. Isso não significa, ao contrário do que essa descrição sumária pode sugerir, que a mesclagem seja atributo exclusivo da imaginação artística. Pelo contrário: trata-se do *modus operandi* básico do pensamento ordinário, responsável, segundo se tem alegado, por conquistas evolutivas tão profundas quanto o raciocínio matemático (NUÑEZ, 2004) e a própria linguagem humana (FAUCONNIER; TURNER, 2008a e 2008b).

Como notam Fauconnier e Turner (2002), pioneiros no estudo da mesclagem, esse mecanismo é capaz de produzir um tipo de experiência subjetiva conhecido como *insight global*. Trata-se da sensação de súbita apreensão e compreensão profunda de um determinado conteúdo. Fala-se em *insight* porque essa compreensão não se dá a

partir de uma construção gradual do entendimento; pelo contrário, a sensação é a de uma percepção instantânea. Ao mesmo tempo, esse insight é *global* porque não envolve o entendimento concatenado de cada parte componente de um dado problema; entende-se o todo de uma única vez, e não suas partes logicamente encadeadas.

Um exemplo esclarecedor desse modo de raciocínio é o caso do monge budista, um enigma proposto pelo escritor Arthur Koestler no livro *The act of creation* e reproduzido em Fauconnier e Turner (2002, cap. 3). O enigma pede que o leitor pense em um monge budista que começa a subir uma montanha de madrugada e chega ao topo no pôr do sol. Ele medita por alguns dias até que, numa madrugada, decide descer, atingindo o sopé da montanha no pôr do sol. Eis a questão: existe algum ponto pelo qual o monge passa exatamente na mesma hora em ambos os percursos (a subida e a descida)?

A resposta é “sim”, mas ela talvez não seja imediatamente óbvia. A solução só se torna evidente quando o leitor faz o seguinte exercício mental: imaginar que o monge corresponde, na verdade, a duas pessoas diferentes, que fazem percursos inversos e atingem seus respectivos destinos ao mesmo tempo. Agora, parece evidente que esses dois monges irão se encontrar em algum ponto – e isso resolve o mistério. Esse “ponto de encontro” será, precisamente, o local que o monge da história original ocupará, no mesmo horário, em suas duas travessias separadas pelos dias de meditação.

Eis o que importa enfatizar: a partir do momento em que o leitor constrói imaginativamente esse cenário fictício, com dois monges e duas jornadas num único dia, a solução parece se tornar *automaticamente evidente*. Isso ocorre porque elementos distintos foram comprimidos em único todo coerente. Essa *compressão conceitual* parece facilitar o processamento da informação, levando então à solução imediata, quase instantânea, do enigma. É nesse instante que se dá o insight global, e o leitor experimenta a sensação íntima de ter efetivamente assimilado o *problema*.

Intuitivamente, o caso do monge budista envolve uma situação de fusão de cenários: a subida e a descida acontecem com alguns dias de diferença, mas nós as imaginamos (i) simultâneas e (ii) leva-

das a cabo por duas pessoas diferentes. É precisamente por conta dessa fusão que esse processo cognitivo tem sido chamado de integração ou mesclagem conceptual. Convencionalmente, essa operação mental é representada da seguinte maneira:

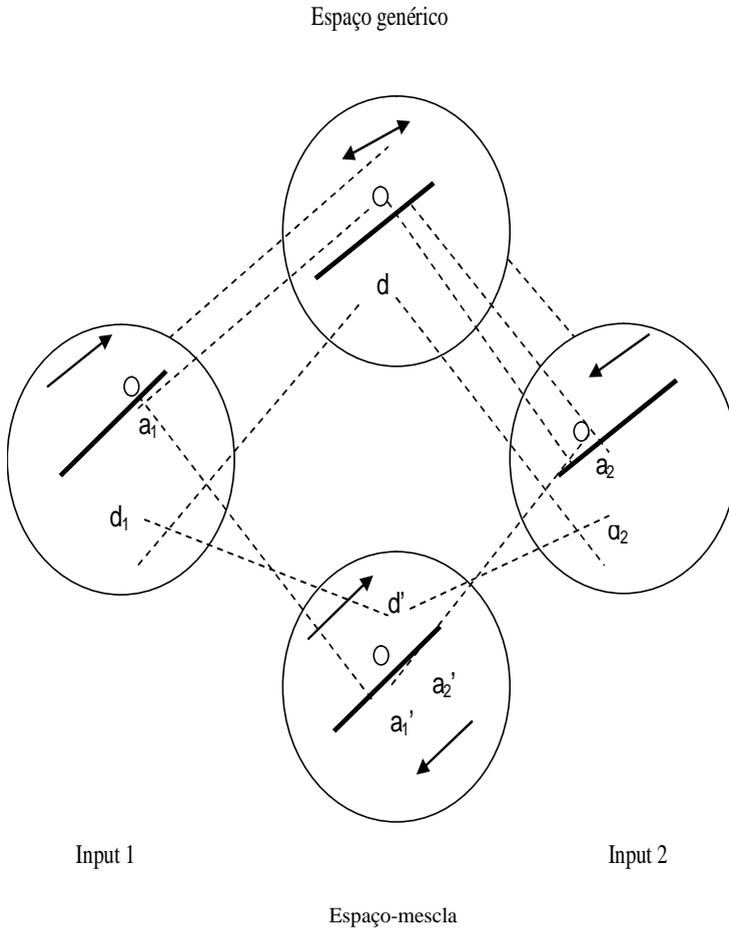


Figura 1 – Esquema geral da mesclagem conceptual

No esquema, cada *input* representa uma das viagens (subida e descida). O trajeto é representado pela linha inclinada, o viajante é representado por a_1 e a_2 , a direção do percurso é dada pela seta e as marcações d_1 e d_2 captam o fato de que as viagens aconteceram em dias diferentes. Esses elementos percebidos como análogos são mentalmente associados: os “dois” viajantes, as duas direções percorridas (para cima e para baixo), as duas datas e a montanha. Tecnicamente, diríamos que se trata de mapeamento mental responsável por conectar as contrapartes.

Neste ponto, é importante sublinhar o fato de que os *inputs* são espaços fugazes de processamento online de informação; atuam, portanto, no nível da memória de trabalho. Tais espaços devem, assim, ser alimentados pelo “conhecimento de mundo” armazenado na memória semântica. De acordo com a teoria cognitivista, esse conhecimento é representado em estruturas conceptuais denominadas modelos cognitivos idealizados (MCIs).

Para que se estabeleça a associação entre as contrapartes dos *inputs*, será preciso que eles sejam percebidos, em alguma medida, como instâncias de uma mesma estrutura global. Esse fato é captado pelo *espaço genérico*, que especifica essa estrutura comum. No exemplo do monge, esse espaço deverá incluir o movimento individual e o percurso inespecificado (para cima ou para baixo, representado pelas flechas duplas), ao mesmo tempo em que exclui aqueles aspectos que diferenciam os *inputs* (como a direção do trajeto).

Mas a grande inovação da teoria reside mesmo no espaço-mescla, a estrutura para onde são projetados os elementos dos *inputs*. Os dias d_1 e d_2 , depois de serem conectados, são comprimidos em um único dia d' . Por outro lado, os movimentos de cada travessia original e suas respectivas posições são preservados no que tange aos horários e às direções.

O grande salto imaginativo se opera no espaço-mescla, quando a fusão de cenários distintos produz uma realidade ficcional, da qual o pensamento se beneficia largamente. No exemplo do monge, foi apenas por meio dessa fusão que passamos a considerar evidente a resposta da charada. O mais interessante, porém, é que ela dá mar-

gem ao aparecimento de elementos conceptuais que não estão presentes em nenhum dos dois *inputs* – a chamada *estrutura emergente*. Graças a essa sequência de eventos mentais, emerge um *frame* novo, ainda que familiar: duas pessoas percorrendo o mesmo caminho em sentidos opostos.

Sustentamos que, nos textos analisados, ocorre exatamente o mesmo processo de mesclagem. Naqueles casos, porém, o interesse reside na constatação de que esse processo produz, como efeito de sentido, um *aumento da eficácia argumentativa dos textos*. Fundamentalmente, isso ocorre porque a mesclagem promove *compressão conceptual*, o que, por seu turno, conduz à sensação de *insight global*.

Outros estudos – como Coulson (2008; 2006) e Couson e Pascual (2006) – já chamaram a atenção para a função retórica do processo de mesclagem conceptual. Esses trabalhos, no entanto, enfatizam o papel da mesclagem na manipulação do conhecimento enciclopédico estável (memória semântica) a fim de adaptá-lo e ajustá-lo às necessidades comunicativas mais contingentes. Aqui, por outro lado, estamos focalizando a compressão conceptual promovida pela mesclagem e o efeito gerado sobre o interlocutor: a sensação de *insight global*, responsável, conforme argumentaremos na próxima seção, pela eficácia argumentativa dos textos selecionados.

Neste ponto, os dois caminhos percorridos neste artigo – a via discursiva e a cognitivista – se cruzam, da seguinte maneira: a sensação de *insight global* é a contraparte cognitiva da estratégia retórica baseada no *logos*. É precisamente este o efeito da mesclagem, responsável pela sensação de insight: *fornecer ao leitor a experiência subjetiva de estar diante de um argumento cuja lógica interna parece autoevidente*.

3. *A engrenagem mental da construção do efeito retórico*

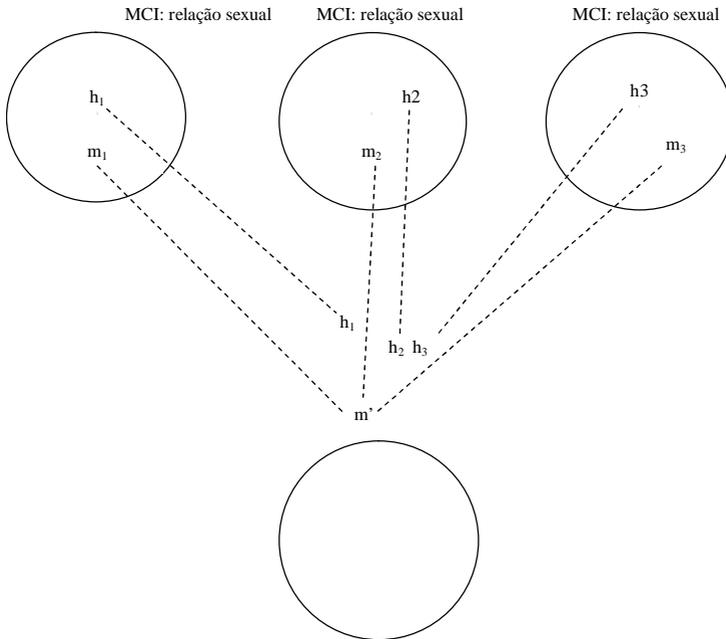
3.1. *Texto 1*



Figura 2 – Faça o teste de HIV

O texto é uma campanha publicitária de divulgação do teste para detectar o vírus HIV. Sugere-se, por imagem, que um casal está mantendo relações sexuais, e, em primeiro plano, veem-se vários pares de braços nas costas da moça. Ao par desse texto não verbal, lê-se: “A cada vez que dorme com alguém, você também dorme com o passado dessa pessoa. Faça o teste de HIV.”

O objetivo do texto é conscientizar o leitor de riscos e, a partir daí, levá-lo a se prevenir. Aqui, diversas relações afastadas no tempo e no espaço são comprimidas num único *frame* espaço-temporal. O espaço genérico é, portanto, o de *relação sexual*, e os diversos *inputs* – e, neste caso, pode-se supor uma série potencialmente infinita de *inputs* – exibe uma relação específica. Em cada um delas, a mulher é a mesma, mas os homens são diferentes. Todos esses homens, contudo, são conceptualmente identificados e projetados, juntos, no espaço-mescla, o que transparece na imagem. Como resultado, o espaço-mescla representa uma relação com múltiplos parceiros.



Mais uma vez, neste caso, é a inferência gerada a partir do espaço-mescla que torna o argumento eficaz e produz a sensação de convencimento, a partir da produção de um insight global.

Eis o raciocínio. É possível que alguém subestime os riscos à saúde provocados pelas relações sexuais quando esses riscos são indiretos, envolvendo transmissões encadeadas, de um parceiro para o outro, deste para o seguinte, e assim sucessivamente. Em poucas palavras, é fácil esquecer que pessoas desconhecidas, com que não se tem contato, também oferecem riscos. No entanto, a partir do momento em que esses desconhecidos se tornam pessoas próximas, com as quais há um contato direto, fica bem mais difícil ignorar os riscos oferecidos por elas. Isso, porém, só ocorre no espaço-mescla, atingido imaginativamente. É, portanto, a partir do cenário ficcional cons-

truído nesse espaço que o ponto do argumento é realçado, tornando o texto persuasivo.

3.2. Texto 2



Figura 4 – Dispenser da WWF

A imagem acima mostra um *dispenser* de banheiro criado pela agência de publicidade Saatchi & Saatchi para a World Wild Foundation (WWF). O *dispenser* é abastecido com papel-toalha verde e tem uma área transparente com o formato de um mapa da América do Sul. No alto, além do logotipo da WWF, aparece a inscrição: “Save paper, save the planet” (“Economize papel, salve o planeta.”). A série de fotos captura três momentos: o *dispenser* quase inteiramente cheio, com metade da capacidade e quase totalmente vazio.

O que se verifica, na integração entre texto verbal e não verbal, é a suposta existência de uma relação causa/consequência entre “economizar papel” e “salvar o planeta”. Mais uma vez se percebe o caráter argumentativo da produção, visto o objetivo claro ser conscientizar a população sobre a relação entre o consumo do papel e a derrubada de árvores.

Tanto é assim, que, iconicamente, à retirada gradual do papel toalha do *dispenser*, equivale a diminuição do verde no mapa. É, ali-

ás, uma rede metonímica bastante interessante: “verde” vale por “floresta”; esta, por sua vez, simboliza o “meio ambiente”, que, por fim, referencia o “planeta” como um todo. Não é instantânea a ligação entre a utilização de “uma” folha de papel-toalha e a devastação de florestas. Mais especificamente, o usuário final não é visto como o responsável direto pela queda de nenhuma árvore porque há muitas outras instâncias intermediárias nesse processo: o consumo gera uma demanda; ela justifica a existência de um comércio varejista; este, por sua vez, compra o papel de quem o fabrica tendo obtido a celulose de uma empresa extrativista cujo funcionário (operador de trator ou de motosserra) foi o real agente da derrubada das árvores.

No *dispenser* da WWF, retratado pela imagem que constitui o texto 2, a estratégia empregada para levar o consumidor a economizar papel consiste em fazer o usuário se sentir o responsável direto pelo desmatamento. Esse efeito, porém, só pode ser produzido graças a um mecanismo complexo de mesclagem – e, mais especificamente, pela compressão conceptual. Na figura 3, essa compressão atua sobre aquela cadeia de eventos causais mencionada acima – uma cadeia que, como se viu, começa no consumidor do papel e irá culminar na derrubada de árvores.

Para interpretar a figura 4, é preciso comprimir toda essa cadeia causal de modo a manter apenas seus extremos: o uso de papel pelo consumidor final e o desmatamento. Quando se olha a figura – ou quando alguém usa, na prática, o *dispenser*, no interior de um banheiro público – todas as instâncias intermediárias desaparecem. Com isso, uma sequência complexa de eventos é transformada em uma *cena agentiva prototípica*, na qual um único indivíduo exerce uma força sobre um objeto, alterando sua composição. Se na cadeia causal a responsabilidade pelo evento final é diluída, na cena agentiva prototípica ela recai toda, claro, sobre o agente único.

Nesse sentido, cada um dos *inputs* da mesclagem corresponde a uma etapa da cadeia causal. De um lado, está o momento inicial, em que o usuário consome o papel; de outro, o momento final, em que o funcionário da empresa extrativista efetivamente derruba as árvores. É fácil notar que há, como prevê o modelo, uma estrutura comum entre esses dois *inputs*: ambos são instâncias de uma *cena*

agentiva arquetípica. Essa cena, representada no EG, licencia o estabelecimento de uma relação analógica entre o *usuário* do produto e o *funcionário* da empresa extrativista (digamos, o *tratorista*), com base no fato de que ambos desempenham o papel de *agente*.

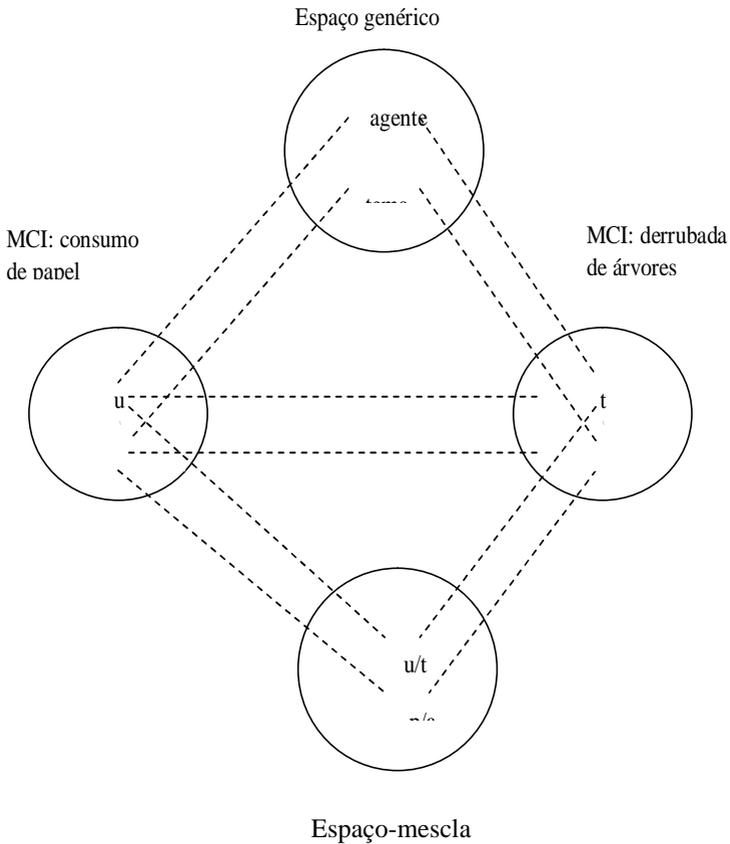
Estabelecida a relação analógica entre esses dois agentes, está pavimentado o terreno para que eles sejam projetados e fundidos no EM. Dessa forma, surge um agente mesclado: ao mesmo tempo, consumidor e tratorista. De fato, o que vemos ao observar a cena (apenas aparentemente banal) de um cliente usando o *dispenser* é alguém que, simultaneamente, consome papel e derruba árvores (metonimicamente representadas no *dispenser*, como vimos, por dois componentes do papel: a cor – verde – e matéria-prima – celulose).

O mesmo acontece com o tema das cenas agentivas: no *input* 1, o papel; no *input* 2, as árvores. Licenciada pelo esquema imagético que alimenta o EG, a relação analógica entre eles permite projetá-los no EM e comprimi-los em um único elemento.

O estabelecimento de uma relação analógica entre esses dois agentes é o que permite que todos eles sejam comprimidos no espaço-mescla. Como a cena efetivamente exibida pela figura 3 tem como agente apenas o consumidor final, é ele que representa ou materializa, na prática, esse agente mesclado.

Por outro lado, o mesmo processo de compressão *não* ocorre com o outro componente da cena agentiva, o tema. Se o agente do EM é o resultado da fusão de dois dos agentes da cadeia causal, o único tema projetado no EM, por outro lado, é a árvore. Desse modo, constrói-se a ideia de que ambos os agentes atuam, ao fim e ao cabo, sobre uma única “vítima” final: a árvore, metonimicamente representada no *dispenser* (como vimos) pelo verde que cobre o mapa da América do Sul.

O esquema abaixo sintetiza os processos descritos.



4. À guisa de conclusão

Procuramos mostrar aqui como uma abordagem baseada na ideia de integração conceptual permite levar a cabo o objetivo de desenvolver modelos não reificatórios de descrição semântica. Aqui, colocando o foco sobre textos argumentativos, selecionamos exemplos concretos para ilustrar de que maneira se pode descrever, no quadro teórico da TIC, o processo construção dos sentidos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COULSON, S. Framing and blending in persuasive discourse. In: FAVRETTI, R. R. (Ed.). *Frames, Corpora, and Knowledge Representation*. Bologna: Bononia University Press, 2008, p. 33-42.

_____. Conceptual Blending in Thought, Rhetoric, and Ideology. In: KRISTIANSEN, G.; DIRVEN, R. (Eds.). *Cognitive Linguistics: Current Applications and Future Perspectives*. Amsterdam: John H. Benjamin's, 2006, p. 187-210.

FAUCONNIER, G.; TURNER, M. *The way we think*. New York: Basic Books, 2002.

FAUCONNIER, G.; TURNER, M. Rethinking Metaphor. In: GIBBS, R. (Ed). *Cambridge Handbook of Metaphor and Thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

FAUCONNIER, G.; TURNER, M. The origin of language as a product of the evolution of modern cognition. In: LAKS, B. *The origins and evolution of languages*. London: Equinox Publishers, 2008.

FAUCONNIER, G. *Mental spaces: aspects of meaning construction*. Cambridge: University Press, 1994.

NUÑEZ, R. Do real numbers really move? Language, thought, and gesture: The embodied cognitive foundations of mathematics. In: IIDA, F.; PFEIFER, R.; STEELS, L.; KUNIYOSHI, Y. (Eds.). *Embodied Artificial Intelligence*. Springer: Berlin, 2004.